

O sentido do trabalho na era virtual¹

*Denise Macedo Ziliotto**

Resumo

Este artigo contextualiza os diferentes significados que a palavra trabalho toma na história social, dedicando-se especialmente a analisar as falas que manifestam esta categoria nas empresas ponto.com. Essa interlocução aponta referências importantes para entendermos as mudanças nas relações entre os sujeitos no mundo do trabalho e seus efeitos.

Palavras-chave: trabalho; tecnologia; relações humanas

Abstract

This article studies the different meanings of the word “work” in their respective social historical context, dedicating special attention to the speeches that manifest this category in the dotcom companies. That interlocution points out references which are important when we try to understand the changes in the relationships among subjects in the working world and their effects.

Keywords: work; technology; human relationships.

¹ The meaning of the work in the virtual era.

* Universidade do Estado de São Paulo.

Os sentidos do trabalho

Da origem latina, *tripalium*,² o trabalho remete ao sofrimento e a uma posição de poder. Mediações históricas foram possibilitando desdobramentos neste sentido, que é construído através das representações que os indivíduos fazem sobre seu trabalho e a implicação deste em suas vidas. É a captura desses significados que permite a compreensão dos fenômenos protagonizados pelos trabalhadores no que se refere ao lugar que o trabalho ocupa em seu existir, mas que nem sempre adquire tal consciência como constituinte simbólico.

As mutações e escolhas de sentido

O percurso da história social é revelador. A reforma protestante busca recobrir o trabalho de um significado nobre na existência do indivíduo, por conta da nova relação que ele teria com os bens e com a virtude. Esforço, luta e superação passam, então, a traduzir o que se percebe como trabalho, ou seja, o que ele mobiliza. O século XIX intensificou, pela via dos acontecimentos econômicos, o espaço que o trabalho ocupava na cena social, fomentando a importância de pensar essa categoria e seus efeitos.

Karl Marx, em *O Capital* (1971, p.50), entende o trabalho como uma necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre homem e natureza. Trata-se da possibilidade e do dever da transformação. Contudo, sua crítica situa-se na forma de organização do trabalho, característica do capitalismo, que se institui através da produção da mais-valia relativa ou do aumento, às custas do trabalhador e do rendimento do capital. Dessa forma, ela produz e reproduz continuamente novas condições de dominação do capital sobre o trabalho. De um lado, afirma Marx, no artigo *Da manufatura à fábrica automática* (GORZ, 1980), apresenta-se como um progresso histórico e inevitável progresso econômico-social. Em contrapartida, configura-se um meio de exploração civilizada e refinada:

² CUNHA, G. *Dicionário etimológico. Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 13. imp. 2000, p.779.

... em vez de dominar as condições de trabalho, o trabalhador é dominado por elas; mas essa inversão de papéis só se torna real e efetiva, do ponto de vista técnico, com o emprego das máquinas. O meio de trabalho tornado autômato ergue-se, durante o processo de trabalho, diante do operário sob a forma de capital, de trabalho morto, que domina explora a força de trabalho viva.

Pensar o trabalho como mera atividade assalariada, como propõe Gorz (1987), que o iguala à acepção de emprego, pois não seria concebido como alguma coisa que se faz, mas algo que se tem, é correr alguns riscos. Não basta que nos libertemos, como defende o autor, no trabalho, supondo que o aumento das horas livres garantiria a desalienação da vida. A abolição do trabalho e do controle social sobre esse processo possibilitaria, segundo seu entendimento, maior apropriação do espaço social sobre os sujeitos. Contudo, trata-se de uma dinâmica mais complexa, onde a degradação do trabalho, o processo de extinção das especializações profissionais e o enfraquecimento da dimensão subjetiva do trabalho, tomada na forma de conjunto de obrigações e direitos associados à dignidade do produtor, evidencia-se, segundo Offe (1985).

Concorda-se, pois, com Antunes que concebe a sociedade contemporânea movida pela lógica do capital e pelo sistema produtor de mercadorias. No universo da sociabilidade produtora de mercadorias, cuja finalidade básica é a criação de valores de troca, o valor de uso das coisas é minimizado, reduzido e subsumido ao seu valor de troca. O trabalho também adere a essa lógica e a reproduz (1995, p.77-78):

mais fetichizada do que em épocas anteriores, a sociabilidade contemporânea, portanto, reafirma e intensifica a lógica destrutiva do sistema produtor de mercadorias e a conseqüente vigência do trabalho estranhado.

Para que esse trabalho estranhado, atravessado pela alienação com o próprio fazer se instalasse, a crescente heterogeneização, fragmentação e complexificação da classe trabalhadora tornou-se evidência, argumenta o autor. Mas esses movimentos não são operados sem custos. Os

efeitos das transformações no mundo do trabalho foram definidos por Dejours & Abdouchelli (1994) como sintomas de uma psicopatologia do trabalho. Trata-se de processos psíquicos mobilizados pela confrontação do sujeito com a realidade do trabalho. Isso implica, segundo eles, em mecanismos e processos psíquicos mobilizados pelo sofrimento. Nessa leitura, os indivíduos produzem sentidos, nem sempre conscientes do trabalho em suas vidas, mas o evidenciam em seus corpos, em sua relação com o trabalho, em seus esquecimentos e em suas incapacidades.

Na proposição de Antunes (1995), a revolução, de nossos dias é desse modo, uma revolução *no* e *do* trabalho. Ela consiste na busca pela abolição do trabalho abstrato, do trabalho assalariado, da condição de sujeito-mercadoria e em instaurar uma sociedade fundada na auto-atividade humana, no trabalho concreto que gera coisas socialmente úteis e no trabalho social emancipado. Deve, também, atendendo às modificações *do* trabalho, tornar o sujeito coletivo capaz de impulsionar ações dotadas de um espírito emancipador.

A tecnologia e o trabalho

Observam-se repercussões significativas do incremento nas condições de vida no trabalho operadas pela chamada revolução tecnológica. Castells (2000) e Santos (1999) têm refletido sobre a gênese e o impacto dessas transformações que, nos seus entendimentos, são especialmente oriundas das mudanças no próprio sistema capitalista, nas suas ações sobre os mercados e na reação destes. O restrito e competitivo mercado de trabalho e, o usual conceito de empregabilidade, supõe novas regras que, sendo normativas, definem inclusões e exclusões nessa ordem social.

Levy (1998) caracteriza a economia contemporânea como uma economia da desterritorialização ou da virtualização (p. 51). A humanidade jamais dedicou tantos recursos a não estar presente, a comer, dormir, viver fora de sua casa e a se afastar de seu domicílio. As telecomunicações, a informática e os demais meios de comunicação são os setores ascendentes da economia virtual, justamente por possibilitarem a desterritorialização física, expandindo e, ao mesmo tempo, restringindo o tempo e as distâncias.

Souza (1998, p. 8) afirma que, apesar do tempo e do espaço terem sofrido transformações significativas, isso pode não se refletir nas relações:

se o acesso a informações é extremamente facilitado pelas redes aéreas e medáticas, isso não significa necessariamente que aumentaram as relações dialógicas entre indivíduos e/ou grupos. As comunicações sociais levam informações, permitem a troca de opiniões, mas isso também não significa maior abertura para o outro ou maior participação social.

À mundialização/globalização crescente de tecnologias, informação, imagens, mercadorias e capitais agregaram-se um fluxo cada vez maior de pessoas, que se defrontam com:

um mundo que não contém apenas sujeitos móveis, mas como objetos móveis, ou melhor, um mundo no qual a distinção entre sujeitos e objetos torna-se estreita e eclipsada, na medida em que ambos se unem e se dispersam, em um campo informativo cada vez mais fluido (FEATHERSTONE, 1995, p.176).

O recorte de análise

A sedução de uma nova economia, exercida numa nova realidade – a das empresas pontocom, captura um desejo. Na análise do curso da história temos o rastro do enlaçamento dos sentidos e da constituição da subjetividade como seu efeito. Assim, tem-se como objeto de estudo escolhido as representações de trabalho nas empresas pontocom, apreendidas através de reportagens da revista *Exame*, nos números 709 e 719, além da edição especial *Odisséia Digital* (2000) alusivas ao ‘boom’ das empresas pontocom, reportando depoimentos de trabalhadores que migraram (seduzidos) por essa realidade. Esta escolha de entendimento justifica-se, pois segundo Madeira & Alloufa (1996, p. 12):

a representação de um objeto é tanto a síntese possível a um dado indivíduo, num determinado tempo e espaço, de um processo no qual ele, em sua totalidade, está envolvido, quanto leva marcas da inserção deste mesmo indivíduo na totalidade social.

A apreensão e a análise das representações sociais sobre os sentidos do trabalho pode constituir num caminho para a captação das vozes e ações, viabilizando a compreensão de seus sujeitos, espelhando, como descreve Madeira “a dialética entre o que aí está e o que já está em gestação” (1991, p.142). Considera-se também que a abordagem das representações sociais permite captar valores e modelos de pensamento e de conduta que são utilizados pelos indivíduos para se apropriar dos objetos de seu ambiente. Na perspectiva apontada por Jodelet (1984), podemos observar que os fenômenos que caracterizam esta teoria apresentam-se sob formas variadas, com diferentes graus de complexidade, permitindo interpretar e pensar a realidade cotidiana. Contemplando esta categorização, propõe-se uma análise empírica baseada na teoria da ideologia, utilizando a metodologia da hermenêutica de profundidade, conforme Thompson (1995), que contempla três eixos: análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva e interpretação.

As empresas pontocom

Em busca de riqueza, fama, liberdade e poder, um número cada vez maior de talentos deixa as grandes corporações rumo à aventura da Internet, afirma Vassalo (2000). Mas será que o mundo digital poderá cumprir todas as promessas? De que promessa se trata?

vamos direto ao ponto: as pessoas estão se deixando seduzir pela Internet, antes de mais nada, por dinheiro. Dinheiro já, para uma parte dos contratados – ou, então dinheiro virtual, que não aparece agora mas pode aparecer, em quantidades de sonho, num futuro não muito distante. Para uma parcela cada vez maior de talentos, os negócios da rede aparecem como uma extraordinária, e inédita, oportunidade de enriquecimento rápido (VASSALO, 2000, p. 168).

Vim para cá para ganhar diferente. Mas eu não aceitaria 100 milhões de dólares por dia para trabalhar num ambiente de rotina. Estou aqui porque este momento vai passar para a História e me sinto bem em fazer parte dele (op. cit, p.172).

Dinheiro como o significante para o trabalho; o novo como moeda para fazer valer a história. Ter para ser. Trabalho como forma de apropriação de uma possibilidade idealizada. Neste sentido, esse depoimento é revelador:

essa imagem de aventura heróica, revolucionária, que acabou se colando à Internet, e a sensação de estar participando de algo que representa o futuro, também são aspectos fundamentais no jogo de conquista da Web. Para muita gente, é como se ela significasse a libertação de velhos vícios corporativos, da lentidão, da burocracia e do temor das grandes empresas em inovar. Eu não queria ser um homem do século 21 numa empresa do século 20 (op. cit., p. 172).

É a organização do trabalho, como algo instituído para além do sujeito, que qualifica a possibilidade de um vir a ser. O trabalho se coisifica, se materializa como objeto – ele não é uma construção subjetiva; é uma abstração uma virtualidade.

O espaço físico, a estrutura do trabalho e a produção do trabalho são de uma ordem externa ao sujeito:

eu tinha uma sala grande, secretária, um grupo de asseclas à minha volta, salário e bônus de 350.000 reais por ano. Mas convivia com o conservadorismo, a centralização e o imobilismo. Se ficasse lá, correria o risco de estagnar e não participar da construção deste mundo novo. Aqui estou, valorizando o meu passe para o mercado de trabalho futuro (op. cit. p. 173).

É o virtual, como um ser vindo do trabalho que pode fazer emergir o sujeito: “Se você não mergulhar no centro da Internet, ficará obsoleto” (VASSALO, 2000, p. 173). Não é o sujeito o produtor de seu estar no mundo, mas sim a sua condição perante o trabalho tido como uma mercadoria (o ciclo de vida dos produtos usa exatamente esta expressão – ficar obsoleto).

A realidade que se impõe, após a produção do imaginário que antecedia o mundo virtual propriamente dito, é de queda das ações na bolsa

Nasdaq e redução drástica nos postos de trabalho nas empresas pontocom. A fala seguinte aponta, referindo-se ao momento inicial de operação dessas companhias, para possíveis efeitos que já eram previsíveis mediante a construção ideativa do trabalho:

não sei exatamente quando e como, mas estou certo que um dia a bolha de euforia que envolve aos negócios pontocom vai estourar ...Acredito que uma boa parte das pessoas que estão indo trabalhar na Internet não consegue ver isso nem distinguir propostas sérias de miragens. Não conhecem o plano de negócios, não sabem quem são os investidores, nem analisam as possibilidades do negócio dar certo (op. cit, p. 174).

Resta, então, um possível retorno: “Depois é muito provável que vejamos um refluxo: gente voltando para as grandes corporações como filhos pródigos” (VASSALO, p. 175). Na parábola, tem-se a representação expressa claramente: um sujeito que se desfília para ‘viver’ no mundo e retorna pelo reconhecimento de sua pobreza, a sua origem, a sua pertença.

Pessin & Paulon (1988, p.179) afirmam que está sendo engendrado um novo modo de subjetivar o trabalhador, num modelo em que o indivíduo deve ser criativo, inteligente, decidido, hábil comunicador, sociável, para atender às demandas dos ‘novos’ processos de trabalho.

O que se solicita é que ele se dê para produzir, em sua condição de homem integral. A própria noção de força de trabalho, nesta medida, está mudando, já que o que se propõe é que o trabalhador invista psicologicamente na fábrica não taylorista.

Estaremos produzindo sentido, concebendo o trabalho que posiciona os sujeitos como produtos e não como produtores? Estaria expresso no ‘fenômeno migratório’, em direção às empresas pontocom, o desejo de retornar a uma vida de pertencimento, reconhecimento e maior realização? A promessa de êxito, sucesso e enriquecimento neste mercado, embora ilusório e fetichizado, sustenta por algum tempo o imaginário social

referente ao trabalho. Afinal, o trabalho é a expressão de um modo de ser no mundo, o que atualmente se institui pela imposição de processos econômicos, provocando uma subjetividade estranha ao sujeito:

... a centralidade do trabalho e da produção, ao invés de diminuir, tem de fato aumentado. E a razão para isto reside na crescente mercadorização da satisfação das necessidades e na cultura que lhe está associada e a legítima – o consumismo. Através delas, o crescimento infinito da produção ocorre simetricamente com o crescimento infinito do consumo e cada um deles alimenta-se do outro (SANTOS, 1999, p.309).

Talvez o filho possa, no retorno à casa paterna, reconhecer o seu lugar e a sua possibilidade. Possa encontrar o mundo no factual e não no virtual. Que o desejo manifesto na fala “Quero ser um participante e não um espectador nessa revolução” (VASSALO, 2000, p.168) se efetue pela marca efetiva do sujeito no trabalho e não pelas promessas de completude da mercadoria-trabalho.

Referências bibliográficas

- ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho?* Ensaio sobre as transformações e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 1995.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. 3 ed., v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- DEJOURS, C. & ABDOUCHELLI, E. Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELLI, E.; JAYET, C. (orgs.). *Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas. 1994.
- FEATHERSTONE, M. *Cultura de consumo e pós-modernidade*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- GORZ, A. *Adeus ao proletariado: para além do socialismo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

- JODELET, D. Représentations sociale: phénomènes, concept et théorie. In: MOSCOVICI, S. (org.). *Psychologie Sociale*. Paris: PUF, 1984.
- LEVY, P. *O que é o virtual?* 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1998.
- MARX, K. Da manufatura à fábrica automática. In: GORZ, André. *Crítica da divisão do trabalho*. São Paulo: Cortez. 1980
- MARX, K. *O capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Livro I. 1971
- MADEIRA, M. C. & ALLOUFA, J. Representações sociais e Educação: que relação é esta? In: II COLÓQUIO FRANCO-BRASILEIRO EDUCAÇÃO E LINGUAGEM, 1996, Natal. *Anais...* Natal: UFRN/ Université de Caen, 1997.
- MADEIRA, M. C. Representações sociais: pressupostos e implicações. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 72, n. 172, p.129-144. Brasília, 1991.
- OFFE, C. *Capitalismo desorganizado*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PESSIN, L. & PAULON, S. M. Sedução e sadismo nas organizações de trabalho. In: FLEIG, Mário (org). *Psicanálise e sintoma social II*. São Leopoldo: Unisinos, p. 176-86, 1988.
- SANTOS, B. S. *Pela mão de Alice*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- SOUZA, T. R. P. *Mundo contemporâneo e totalitarismo: formações identitárias de grupos skinreads no Brasil e na Itália*. 1998. ? f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1998.
- THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- VASSALO, C. Fui! In: *Exame*, 8 março 2000, p.166-75. São Paulo.